

POETAS ESQUECIDOS

Sânzio de Azevedo

Ocupante da cadeira no 1 da Academia Cearense de Letras. Doutor em Letras pela UFRJ. Ensaísta, historiador e poeta. Professor visitante na Universidade Federal do Ceará.

1. Introdução

O TÍTULO deste desprezioso trabalho foi roubado a um livro publicado no Rio de Janeiro, em 1938, pelo poeta e crítico cearense Mário Linhares. Entretanto, aqui só serão vistos autores que um dia chegaram a ter fama nacional. Não serão contemplados, portanto, aqueles cujos nomes se destacaram apenas em sua própria terra natal, como, para nos basearmos no mencionado livro, Bonfim Sobrinho, conhecido apenas no Ceará; Antônio Lobo, no Maranhão; Honório Monteiro, em Pernambuco; Deraldo Nevile, na Bahia, e tantos outros.

Aqui pretendemos lembrar apenas alguns dos muitos cultores da poesia, cujos nomes cada vez mais se esfumam na memória dos pósteros, tendo eles em comum o fato de possivelmente seus contemporâneos, diante de sua glória, jamais terem tido a premonição de que eles fossem esquecidos um dia.

2. Os Poetas

Sigamos a ordem cronológica de nascimento dos autores escolhidos, começando por DUTRA E MELO, natural do Rio de Janeiro, nascido em 1823 e falecido em sua terra em 1846, com menos de vinte e três anos de idade, “vitimado pelo dever, esmagado pelo trabalho”, como disse Sílvio Romero, pensando em quantos morreram em consequência da boêmia da época.¹

Fagundes Varela deixou um poema, “Elegia”, que repete várias vezes o dístico “Tempo, tempo voraz, pára um momento!

¹ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, v.3, p.857.

/ Concede ao gênio o respirar ao menos!” Nele o grande poeta lamenta a partida, para o Além, de vários companheiros de sonho: “Ontem era Azevedo, o ardente bardo, / O mancebo ancião, que audaz abria / De nova inspiração as áureas portas”, e, depois de falar de Junqueira Freire, de Casimiro de Abreu, de Gonçalves Dias e outros mais, diz:

“Dutra e Melo, cultor d’amenas letras,
Onde foste também?”

Esse poeta que, além de ser aos 18 anos de idade professor no colégio onde estudara, cultivava o grego, o hebraico e o sânscrito, segundo alguns de seus contemporâneos, colaborava na *Minerva Brasiliense*, onde também fez crítica literária. Seus poemas eram sempre longos, por isso leiamos um trecho do início e outro do final de “Uma Palavra”:

“Oh! dá-me uma palavra,
Uma só – nem mais que uma; oh! não ma negues;
Uma palavra só – eu te amo – e basta.
Uma palavra só fecunda o nada;
Uma palavra só fez caos em mundo,
Luzeiros derramou, criou mil astros;
Uma palavra só tornara em cinza
Natureza, universo, estrela, globo;
Uma palavra só rompe, espedaça
O selo do sepulcro, e a morte afronta;
Uma palavra só de um céu de amores
Nos abismos do inferno arroja a vida,
Uma palavra é tudo, e tudo pode.

.....
Nada sei mais que amar-te. – Na minha alma
Tudo se torna amor, e a natureza
Amor, amor me brada. – Eu hei de ouvi-la.
Hei de amar, mas a quem? a ti somente,
Perdoa-me pois sempre, Anjo celeste:
E se dentro em teu peito existe um peito,

Se um milagre Deus inda reserva,
Se tenho de ser Anjo e ser amado,
Oh! dá-me uma palavra,
Palavra onipotente por que eu morro;
Oh! dá-me uma palavra,
E deixa que em tua alma eu viva eterno.”

Na mesma “Elegia”, lamenta Varela a partida de outro poeta:

“Era o Laurindo, o filho da pobreza,
Mas arrojado sempre, e sempre nobre!”

Trata-se de LAURINDO RABELO, chamado de “poeta lagartixa” por seu jeito um tanto desengonçado. De origem humilde, nasceu no Rio de Janeiro, em 1826, vindo a falecer na mesma cidade em 1864, depois de ter angariado fama de repentista na Bahia, onde cursou Medicina, tendo servido no Corpo de Saúde do Exército no Rio Grande do Sul.

Fez versos satíricos e licenciosos, mas várias tragédias em sua vida familiar (além do falecimento da irmã e da mãe, o assassinato do irmão) explicam de certa forma o caráter elegíaco de boa parte de sua poesia. De certa forma, porque sua tristeza parecia inata.

Sílvio Romero, em obra cuja primeira edição é de 1888, afirmou: “Mais de vinte pessoas inteligentes, ilustradas e insuspeitas tenho interrogado sobre Laurindo. Feliz ente! Nunca ouvi gabar tanto um morto, um pobre diabo, que não deixou descendentes. Esse testemunho colhido da tradição quero eu aqui depô-lo em honra ao genial poeta.” E, referindo-se ao poema “Adeus ao Mundo”, disse o crítico sergipano: “é uma das elegias mais doloridas que já uma vez foram escritas em qualquer língua”.²

A exemplo do que fizemos com o texto de Dutra e Melo, vamos ler um trecho do início do poema e outro do final:

² ROMERO, Sílvio. Op. Cit., p.1012 e 1023.

“Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte:
E perto avisto o porto
Imenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado – Eternidade!
Como é tão belo o Sol! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora!
Como requinta o brilho a luz dos astros!
Como são recedentes os aromas
Que se exalam das flores! Que harmonia
Não se desfruta no cantar das aves,
No embater do mar, e nas cascatas,
No sussurrar dos límpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quase extintos, bebem
Seus últimos encantos!

.....
Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus: que vou viagem de finados!...
Adeus! ... Adeus! ... Adeus! ...”

Para se ter uma idéia da conta em que era tido Laurindo Rabelo durante a vigência do Romantismo, basta lembrar que os cinco primeiros versos desta composição figuram como epígrafe ao lado de um verso de Dante na abertura de “Mocidade e Morte”, de Castro Alves.

Voltando à “Elegia” de Varela, encontraremos, logo depois da alusão à morte de Casimiro de Abreu, este verso: “Aureliano Lessa, o desditoso!”

Colega, no curso de Direito de São Paulo, de Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, com os quais planejava publicar um livro, *Três Liras*, AURELIANO LESSA, nascido em Diamantina, Minas Gerais, em 1828, e falecido em Conceição do Cerro (também em Minas) em 1861, com 33 anos de idade,

figura entre os cultores do Byronismo. Mas, como advertiu Bernardo Guimarães, “Suas orgias, se orgias se podem chamar, nunca tinham por teatro o lupanar ou a casa de jogo, ou outro qualquer lugar de devassidão e crápula grosseira.”³

Mas esse poeta que, como byroniano, cultivava a poesia da tristeza e da dúvida, deixou na Paulicéia fama de homem de espírito. Pires de Almeida, que encontrou nas Arcadas os ecos da boêmia de Azevedo e outros, conta:

“Certo presidente de província, aturdido pela oposição, irrompeu em cólera bradando:

“ – Isto não passa de uma terra de burros, de frades e de estudantes!

“Aureliano Lessa, que o ouvira, raciocinou:

“ – Ora, V. Exa. não é frade, não é estudante, logo é burro.”⁴

Deixou ele seus versos pelos jornais ou inéditos, sendo posteriormente reunidos pelo irmão do poeta, Pedro Lessa. Como observou Péricles Eugênio da Silva Ramos: “A seu renome em vida não correspondeu apreço igual depois de passado o Romantismo: seu prestígio literário caiu enormemente.”⁵

Como que prevendo o esquecimento em que mergulharia seu nome, assim dizem os eneassílabos de “Meus Votos”, de Aureliano Lessa:

“Que me importa o ruído da glória
Sobre o carro doirado correndo,
E dos homens viver na memória,
Quando estou mesmo vivo morrendo?”

Essa glória que vedes fugindo
É a morte trajada de brilhos.
Sobre a campa sorrisos fingindo
E chamando os heróis por seus filhos.

3 GUIMARÃES, Bernardo. “Aureliano Lessa”. In CASTELLO, José Aderaldo (Org). *Textos que interessam à história do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v.1, 1960. p.222

4 ALMEIDA, Pires de. *A Escola byroniana no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962. p.211.

5 In MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1999. p.211.

Venha a morte, eu não vou procurá-la;
Mas coa vida o meu nome devore;
Um fantasma vestido de gala
Minha urna de cinza não chore.

Que me importa o ruído da glória?...
Antes quero o silêncio da campa...
Ah! dos meus sofrimentos a história
Em que peito, em que livro s'estampa?!

Sempre aos deuses pediram meus votos
Pouca sombra, o silêncio, uma lira,
Uma gruta em lugares remotos,
E o amor qu'estes votos me inspira...

Mas em vão busca amor a minha alma;
Em seu ermo ela está merencória...
A mim, pois, que feneço na calma,
Que me importa o ruído da glória?"

Voltemos, pela última vez, à “Elegia” de Varela que, depois de dizer “Era Laurindo” e, em seguida, “Era Gonçalves Dias”, lamenta:

“Era Franco de Sá, débil mancebo
Sobre cujas espáduas avultavam
As asas do condor altivolante!”

FRANCO DE SÁ, nascido em Alcântara, Maranhão, em 1836, e falecido no Recife, em 1856, com 19 anos e meio, é talvez o poeta romântico a morrer mais jovem. Como outros poetas da época, deixou versos esparsos, que só seriam reunidos vários anos mais tarde. Mesmo após sua morte teve quem lhe quisesse negar o valor, quase sempre por antipatia ao imenso prestígio de sua família: seu pai seria Presidente de Províncias e senador.

Já em nosso tempo, Hélió Lopes, em estudo sobre o

poeta, sugere que Varela, ao se transferir de São Paulo, para o Recife, teria na capital pernambucana ouvido falar da fama do jovem maranhense: “Terá sido mais levado pela tradição oral que Fagundes Varela inclui Franco de Sá na galeria dos jovens talentos brasileiros a breve tempo carregados pela morte.”⁶

Sílvio Romero, após dizer que a poesia do autor “é pessoal, recordativa e íntima, ou é humorística”, conclui: “O estilo é simples, a metrficação sonora e correta, os pensamentos não são vulgares; bem pelo contrário, tudo indica que o país perdeu em Franco de Sá um bom e mavioso poeta.”⁷

Como era costume ao tempo do Romantismo, o poeta improvisava com facilidade. É o caso deste poema sem título, escrito no Recife em 1855:

“Eu não te encaro, donzela,
Mas tu não sabes por quê;
Daquela verde janela
Talvez a inveja nos vê.

Se divisarem ternura
De teus olhos no fulgor,
Em tua fronte tão pura
Quererão nódoas depor.

E eu, que te amo e venero,
Como a Deus um serafim,
Não quero, virgem, não quero,
Que tu padeças por mim.

Se meus olhos encontrares,
Os olhos porei no chão;
Apenas breves olhares
Te dirão minha paixão.

6 LOPEL, Hélio. *Franco de Sá*. São Luís: SIOGEE, 1978. p.16

7 ROMERO, Sílvio. Op. cit., p.1037.

Nosso amor, nossos extremos
Ninguém conheça ao redor;
Amemos, virgem, amemos
Em silêncio, que é melhor.”

Quanto à parte humorística de sua obra, mais de uma antologia abrigou o soneto “Esbelta”, no qual o poeta, falando de uma jovem que “só tem ossos”, diz, nos tercetos, dirigindo-se ao futuro esposo:

“Ah! ditoso mancebo, eu te prometo
Que se hoje noivo, trêmulo desmaias,
Beijando a anágua que te envolve o espeto,
Talvez, quando marido, morto caias
Vendo surgir o pálido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.”

Diferente de outros poetas que temos focalizado, VICTORIANO PALHARES, nascido no Recife em 1840 e falecido na Várzea (hoje parte do Recife) em 1890, publicou quatro livros de poesia e um de prosa, *A Noite da Virgem*, que teve muitas edições. Figura porém em mais de uma antologia unicamente com o poema “Negro Adeus”, de *Peregrinas* (1870):

“Adeus! Já nada tenho que dizer-te.
Minhas horas finais trêmulas correm.
Dá-me o último riso, pra que eu possa
Morrer cantando, como as aves morrem.

Ai daquele que fez do amor seu mundo!
Nem deuses nem demônios o socorrem.
Dá-me o último olhar, para que eu possa
Morrer sorrindo, como os anjos morrem.

Foste a serpente, e eu, vil, ainda te adoro!
Que vertigens meu cérebro percorrem!
Mente a última vez, para que eu possa
Morrer sonhando, como os doidos morrem.”

Silvio Romero, que julgava o poeta “de mais valor nas poesias patrióticas”, diz dele: “Colocado entre dous rivais potentísimos, Tobias (Barreto) e Castro Alves, teve força bastante para fazer um nome cercado de nomeada e simpatia.”⁸

Para termos uma leve idéia de seu Condoreirismo, leiamos a primeira e a última estrofe de “Ao Brasil”, do livro Centelhas, de 1870:

“É hora de acordar. Rebrame na floresta
O furacão do sul, terrível, infernal;
Emboca o teu boré, a rubra maça apresta,
Sê outra vez caboclo, ó filho de Cabral!

.
Agora... é caminhar cos olhos no horizonte,
Um dia o Faraó vacila ante José!
Não há mártir algum sem resplendor na fronte,
Não há dilúvio algum sem barca de Noé.”

Façamos uma transcrição dentro de outra: Fausto Cunha disse, falando de Vitoriano Palhares: “Teve dias de glória. ‘Vitoriano (escreve Afonso Olindense) foi sempre o mimoso das turbas, o *enfant gâté* das multidões, o mais popular, o mais aplaudido de todos os poetas brasileiros. Ninguém teve mais triunfos na praça pública; nem obteve mais pronta a sagração dos seus talentos’. De tudo isso, restam duas ou três poesias.”⁹

Lembremos agora uma poetisa: NARCISA AMÁLIA, nascida em São João da Barra, na Província do Rio de Janeiro, em 1852, e falecida na já então Capital Federal da República, em 1924. Publicando, aos vinte anos de idade, o livro de versos *Nebulosas* (1872), logo chamou a atenção dos meios literários, principalmente por se tratar de uma mulher.

8 ROMERO, Silvio. Op. cit., v.4, p. 1299-1300.

9 CUNHA, Fausto. “Castro Alves”. In COUTINHO, Afrânio (dir.) *A Literatura no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, v.2, 1969, p. 194-5.

Em 1949 Antônio Simões dos Reis publicou o livro *Narcisa Amália*, no qual, depois dum esboço biográfico, há uma parte antológica, e, além de artigos sobre a poetisa, de Sílvio Romero, Luís Guimarães Júnior, Ezequiel Freire e outros, alguns poemas inspirados por ela, como “O Gênio e a Beleza”, de Fagundes Varela, em pleno Romantismo, e “Poema da Noite”, de Raimundo Correia, já no Parnasianismo.

Conta Alfredo Sodré que em 1874 D. Pedro II manifesta desejo de conhecer a autora das *Nebulosas*: “A poetisa é apresentada ao Imperador. S. M. dá acolhida cordialíssima à cantora patricia, pede-lhe um autógrafo, declama estrofes das *Nebulosas*.”¹⁰

Apesar de Sílvio Romero elogiar, nesse livro, justamente a fuga às cantilenas chorosas dos poetas românticos, um dos textos mais marcantes e conhecidos do livro é “Sadness”:

“Meu anjo inspirador não tem nas faces
As tintas coralíneas da manhã;
Nem tem nos lábios as canções vivaces
Da cabocla pagã!

Não lhe pesa na fronte deslumbrante
Coroa de esplendor e maravilhas,
Nem rouba ao nevoeiro flutuante
As nítidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
Como o sol que enrubesce o céu polar!
Trai-lhe o semblante pálido – do antiste
O acerbo meditar!

Traz na cabeça estema de saudades,
Tem no lânguido olhar a morbidez;
Veste a clâmide eril das tempestades,
E chama-se – Tristeza! ”

10 Apud REIS, Antônio Simões dos. *Narcisa Amália*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1949. p.20.

Em 1912, Múcio Teixeira, poeta gaúcho que passava por adivinho, publicou em *A Imprensa*, do Rio de Janeiro, artigo em que afirmava serem os versos de Narcisa Amália, na verdade, de autoria do pai dela, Joaquim Jácome, que era poeta. Antônio Simões dos Reis, no citado livro, após cuidadosas pesquisas, inclusive entrevistando pessoas do tempo da escritora, concluiu que o poeta gaúcho se baseou numa perfídia que, por vingança, engendrara o segundo marido da poetisa, de quem ela se havia separado aí pela década de 1880.

Narcisa Amália, que nas *Nebulosas* condenara a escravidão, diria, num soneto escrito em 1880:

“Não, teu culto ideal eu não abjuro,
Musa dos livres que na França imperas!
Dei-te as rosas das vinte primaveras,
Dou-te o presente, sagro-te o futuro!”

Outro nome hoje esquecido é o de VALENTIM MAGALHÃES, que nasceu no Rio de Janeiro em 1859 e lá faleceu em 1903. Poeta que se iniciou na fase realista, dele diria Péricles Eugênio da Silva Ramos, ao incluí-lo numa de suas antologias: “Seu lugar é discreto na geração parnasiana.”¹¹

Nos anos 30 do século XX dizia Agripino Grieco: “A celebridade contemporânea de Valentim Magalhães é inexplicável para os pósteros.”¹²

Mais recentemente, em artigo de agosto de 1956, Afrânio Coutinho, depois de se referir aos que, no passado, se julgavam donos da imprensa, perguntava: “Quem hoje sabe que Valentim Magalhães exerceu um dia tal sacerdócio, com um grupo que se julgou o dono da literatura?”¹³

Autor de *Cantos e Lutas*, de 1879, livro que mereceu crítica de Machado de Assis, “crítica severa mas necessária”, como disse o futuro autor de *Quincas Borba*,¹⁴ em 1900 fez editar *Rimário*.

11 RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia parnasiana*. São Paulo: Melhoramentos, 1967. p.105.

12 GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932. p.81.

13 COUTINHO, Afrânio. *No Hospital das Letras*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963. p.85.

14 ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962, v.3, p.825.

Quem folhear o famoso *Tratado de Versificação* (1905), de Olavo Bilac e Guimaraens Passos, vai encontrar, como exemplo de um dos esquemas de rimas dos tercetos do soneto, o poema “Tortura”, de Rimário:

“Ante a mesquita d’ áureos minaretes
Açoitam dois telingas a traidora;
As vergastas, sutis como floretes,
Sibilam sobre a carne tentadora.

À vibração das varas, estremecem
Seus níveos membros firmes, delicados,
E, nos espasmos do sofrer, parecem
Das contorções do gozo eletrizados.

Geme aos golpes, que as carnes lhe retalham,
E aberta a rósea boca, os olhos belos
Pérolas vertem, que seu peito orvalham;

Dobram-se as curvas, soltam-se os cabelos,
E do alvo colo, amargurado e exangue,
Como esparsos rubis – goteja o sangue.”

O certo é que Valentim Magalhães não tem um poema famoso. Parece que o prestígio de que gozou em seu tempo se deveu principalmente ao fato de ser diretor-proprietário da revista *A Semana*. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

LUÍS MURAT é caso mais estranho ainda, por ser ainda mais desproporcional a distância entre o apreço de ontem e o desapareço (ou melhor, o desconhecimento) de hoje.

Nascido em Itaguaí, Rio de Janeiro, em 1861, e falecido na então Capital Federal em 1929, publicou ele vários livros, um dos quais as *Ondas*, de 1890, que teria outras séries em 1896 e em 1910.

Se abriremos os *Novos Estudos de Literatura Contemporânea*, de Sílvio Romero, publicados em 1898, vamos ver que o crítico, referindo-se à primeira série das *Ondas*, afirma: “O moço poeta é incontestavelmente, ao lado de Olavo Bilac e Guimarães Passos, a mais nítida e a mais potente encarnação do lirismo recente em nossa Pátria.” E, fazendo paralelos, diz ainda: “Raimundo Correia, notabilíssimo poeta novo, será mais correto às vezes, mas essa correção ressenete-se de certo rebuscamento e é denunciadora de uma alma naturalmente menos dotada de fantasia e força criadora.” E quanto a Bilac, aliás já citado? Diz o crítico: “Olavo Bilac, outro distintíssimo poeta moço, tem mais música em seus versos, mais meiguice no seu imaginar, mais feminilidade em seus sonhos. O poeta das *Ondas* tem mais asperezas no vôo; porém possui asas mais largas e mais possantes.”¹⁵

E, para dar uma amostra da grandeza do poeta, reproduz ele dez estrofes de um poema bem maior, do qual nos permitimos transcrever apenas três:

“Ao clarear do dia, à beira dos caminhos,
Pelo glauco rumor das folhagens do estio,
Quando o sol tem ainda a frescura dos linhos,
A inocência de um anjo, o marulho de um rio,

Levo-a pela cintura ao lugar mais remoto
De nossa habitação para beijá-la a gosto,
E o beijo que lhe dou, mais puro do que o Loto,
Fica por muito tempo a cantar-lhe no rosto.

No arrequife de uma haste a imagem lhe penduro;
Solto-lhe a trança à espádua, aperto-a contra o seio,
E mostro-lhe no céu o arco-íris do futuro,
Onde o seu casto nome em sete cores leio.”

Mas, para que não nos acusem de copiar os versos menos felizes dos escolhidos por Sílvio Romero, aqui vai o soneto “O Poder das Lágrimas”, de Luís Murat, presente em

15 ROMERO, Sílvio. *Novos estudos de literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garnier [1898], p.26 e 47.

pelo menos três edições dos *Sonetos Brasileiros* (1904, 1916 e 1929), de Laudelino Freire, e no *Parnaso Brasileiro* (1917), de Afonso Costa:

“Com que saudade para o céu não olhas,
Vendo de nuvens todo o céu coberto,
E engastadas de pérolas as folhas
E o coração das árvores deserto.

Como uma grande rosa, a alma desfolhas
Dentro do seio, inteiramente aberto,
E esses restos de flor passando molhas
N’ água do arroio que coleia perto.

Molha-as, sim, nesta linfa algente e casta!
Que uma só gota cristalina basta
Para o calor em chuva ir transformando.

Hás de ficar com os olhos rasos d’água,
A dor há de acalmar, que a própria mágoa
Tem dó de ver uma mulher chorando.”

Lembrando-se de que Sílvio Romero foi o único a tentar pôr Tobias Barreto acima de Castro Alves, como poeta, poderá alguém imaginar que somente ele teria essa idéia de colocar Luís Murat na mesma altura de Bilac, apontando-lhe vantagens. Acontece porém que, oito anos depois desse livro de Sílvio, Pedro do Couto afirmaria: “Excluído quase que sistematicamente pelos de sua geração, se encontra Luís Murat. Como que parece não se tratar de um valoroso poeta lírico, tal tem sido o silêncio que se vem fazendo sobre o seu nome. Grave injustiça lhe fazem: com muita vantagem pode figurar ao lado de Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, sobrepujando-os todavia pela espontaneidade, pela movimentação de suas produções e pelo arrojo de frase.”¹⁶

¹⁶ COUTO, Pedro do. *Páginas de crítica*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1906. p.43.

Talvez a razão esteja com Otto Maria Carpeaux, que disse: “Enquanto Luís Murat passava por parnasiano, foi superestimado; quando descobriram que fora o último sobrevivente do romantismo, foi esquecido.”¹⁷

BELMIRO BRAGA, nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, no ano de 1870, e falecido na mesma cidade em 1937, não saiu de sua terra, mas conseguiu renome nacional. Mais de uma antologia reproduziu seu soneto “Olhando o Rio”, cujos tercetos dizem:

“O dorso aqui lhe encrespa leve brisa,
Ali o deslizar calhau lhe veda;
Além, de novo, sem fragor, desliza...

És como o rio, coração tristonho:
Se ele vive a chorar de queda em queda,
Vives tu a gemer de sonho em sonho.”

Publicou vários livros, entre os quais *Montesinas* (1902), *Rosas* (1911), *Contas do Meu Rosário* (1918) e *Tarde Florida* (1923), alguns com várias edições. Nas *Contas do Meu Rosário* há esta dedicatória comovente: “Ao Antônio Sales, a quem devo tudo o que sou na carreira das letras.”

É que o poeta cearense, adoecendo de febre paratífica em janeiro de 1900, foi convalescer em Minas Gerais, como informa Wilson Bóia, que revela haver Sales saltado na estação de Barão de Cotegipe, “ocasião em que dele se aproxima um rapaz, de seus vinte e oito anos de idade, caixeiro [de um] bazar, muito interessado em poesia, com coisas publicadas nos jornais de Juiz de Fora e dizendo conhecer de Antônio Sales seus versos”.¹⁸

Sales haveria não só de incentivar o jovem poeta, mas também de proclamar-lhe os méritos, sempre que podia. Mais tarde, numa página em que recorda o amigo, já então faleci-

17 CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1955. p. 188.

18 BÓIA, Wilson. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984. p.215.

do, o poeta cearense, após dizer havê-lo encontrado “como empregado de um bazar de roça”, menciona a dedicatória que reproduzimos aqui, e conclui: “Meu mérito terá sido apenas de haver apressado sua revelação e lhe proporcionado um meio de mostrar-se de maneira a ser melhor apreciado.”¹⁹

Tão conhecido ficou o poeta que Agripino Grieco dedicaria a ele uma página e meia de sua *Evolução da Poesia Brasileira*, dizendo, entre outras coisas: “Mais um rimador instintivo que um artista, pouco se preocupa com a modelagem plástica das estrofes e só quer que nestas haja ternura, sentimento.”²⁰

Uns versos seus que tiveram seu momento e aos quais se refere Agripino são estes, de um poema dedicado a Príncipe, seu belo cão de estimação:

“Pela estrada da vida subi morros,
Desci ladeiras... E afinal te digo:
- Se entre os amigos encontrei cachorros,
Entre os cachorros encontrei-te, amigo!”

Irineu Rocha, velho empregado do *Jornal do Comércio* de Juiz de Fora, que vivia lhe pedindo versos, mereceu de Belmiro Braga este poema póstumo:

“Se um seu amigo morria
ele vinha ter comigo
e umas quadras me pedia
para a morte desse amigo.

Hoje, lembrando esse fato,
eu pensei, em mágoa imerso,
que talvez lhe seja grato
ser também chorado em verso.

19 SALLIS, Antônio. *Retratos e Lembranças*. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva, 1938. p.249.

20 GRIECO, Agripino. Op. cit., p. 186.

E assim nestas quatro linhas
venho aqui dizer-lhe triste:
- Irineu, toma as quadrinhas
que tu nunca me pediste...”

Estes versos são de *Contas do Meu Rosário*, onde podemos encontrar a veia satírica do poeta em composições como esta:

“Um certo orador maçante
das margens do Paraibuna,
ao falar, de instante a instante,
vai esmurrando a tribuna.

E quem o conhece sente,
por mais ingênuo e simplório,
que os murros são simplesmente
para acordar o auditório.”

Antônio Sales, no referido trabalho, transcreve a dedicatória em versos que Belmiro Braga escreveu num retrato seu que lhe enviou:

“Mandam-me os fados tiranos
Que, para o bem dos meus males,
Contra os retratos proteste,
Pois depois dos cinqüenta anos
Não encontro, Antônio Sales,
Um fotógrafo que preste.”

Alguns poetas se celebrizaram apenas por um soneto; passada porém a época dos álbuns onde se copiavam poemas e das antologias de sonetos, caíram no esquecimento.

É o caso, entre tantos, de HERMETO LIMA, nascido em Belém do Pará, em 1872 e que, transferido para o Rio de Janeiro, aí morreria em 1947, deixando, entre outros livros de

poesia, *Estalagmites*, de 1898. Tornou-se antológico o soneto que às vezes traz o título de “Santa”, e outras, simplesmente “Soneto”:

“Essa que passa por aí, senhores,
De olhos castanhos e fidalgo porte,
É a princesa ideal de meus amores
E a mais franzina pérola do Norte.

Contam, que numa noite de esplendores,
À essa que esmaga o coração mais forte,
Hinos cantaram e jogaram flores
As estrelas em mágico transporte.

Acreditais talvez ser fantasia;
Eu vos direi que não... Em certo dia
Quando Ela entrou na festival Capela,

Eu vi a Virgem mergulhada em pranto,
E o Cristo de marfim fitá-la tanto
Como se fosse apaixonado dela.”

Mas, dos tempos das declamações ao piano, costume que, vindo provavelmente do Romantismo, avançaria por grande parte do século XX, poucos foram os sonetos que obtiveram maior fama do que “Cisnes”, de JÚLIO SALUSSE, poeta nascido em Bom Jardim, Província do Rio de Janeiro, em 1872, e falecido na então Capital do Brasil, em 1948. Na verdade, sob esse título, “Cisnes”, há em seu livro *Neurose Azul*, publicado em 1894, dois sonetos. O final do segundo diz: “Meu doce amor, enquanto não morremos, / Como dois cisnes plácidos vaguemos / Sobre as águas tranqüilas e azuladas, // Ouvindo ao longe o suspirar do vento / E contemplando o azul do firmamento / Nas misteriosas noites estreladas.” É interessante observar a maneira como o povo consagrou apenas o primeiro deles. Leiamo-lo tal como o reproduz Edith Pimentel Pinto, em

artigo esclarecedor, entre outras coisas, com relação à data do livro, que Manuel Bandeira e Péricles Eugênio da Silva Ramos deram como 1895. Eis o soneto famoso:

“A vida, manso lago azul algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós constantemente
Um lago azul sem ondas, sem espumas.

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas.

Um dia um cisne morrerá por certo;
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...”

Após dar os títulos de todos os poemas do livro *Nevrose Azul*, informa Edith Pimentel Pinto: “Desses poemas, o único realmente popularizado é ‘Cisnes’, I – que deu fama, mas também muita irritação a Júlio Salusse.”²¹ Conta-se, efetivamente, que tão célebre ficou o soneto que o poeta lhe criou verdadeira ojeriza, como dizem haver acontecido com Raimundo Correia em relação ao seu “As Pombas”...

HERMES FONTES que, natural da então Vila do Buquim, Sergipe, nascido em 1888, viria a se suicidar no Rio de Janeiro, na noite de Natal de 1930, não deixou nenhum poema famoso, mas sua estréia em livro, aos vinte anos de idade, com as *Apoteoses* (1908), foi um êxito como poucos na literatura

21 PINTO, Edith Pimentel. “Revisitando Salusse”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 20.11.1983

brasileira. Na época, Medeiros e Albuquerque escreveu: “O autor sente-se já senhor do verso e diverte-se a experimentar até onde vai o seu poder de variá-lo, de servir-se dele, quase que como com um brinquedo...”²² Alcindo Guanabara, por sua vez, assinalou: “Variadíssimo metro; riquíssimas, sem extravagâncias, as rimas. Língua opulenta. E por sobre tudo isso, inspiração, sentimento, espontaneidade.” E, adiante: “se Hermes Fontes não escrever mais nada, já o seu nome não será riscado da nossa história literária”.²³

Povina Cavalcanti, que transcreve estes elogios no livro em que procurou resgatar a vida e a poesia do amigo, dá este depoimento: “O estrondoso êxito das *Apoteoses* teve o efeito de um vinho forte demais para a sensibilidade do poeta. Muitos dos que lhe bateram palmas retraíram-se diante das suas reações humanas. (...) Ouvi de alguns contemporâneos que a repulsa física pelo poeta chegou ao extremo de incompatibilizá-los com a sua poesia.”²⁴

Para dar uma idéia das *Apoteoses*, que trazia um prefácio cheio de digressões sobre gramática e versificação, tendo o retrato do autor não na abertura, mas na última página, leiamos apenas uma estrofe do poema “Meio-Dia”, em versos polimétricos:

“Meio-dia. É a apoteose do Ouro... É o Ouro
inesgotável, pródigo – absoluto:
Sol – turíbulo, a cujo incenso, claro e louro,
é de ouro a folha, é de ouro a flor, é de ouro o fruto,
de ouro o Céu, de ouro o Mar... tudo se doura ao Sol,
que deslumbra, que flameja, que irradia...
Ah! se indeléveis fossem, noute e dia,
as pinceladas rubras do Arrebol !...”

Mas havia textos mais simples no livro, como o soneto “Solenemente”, que, segundo seu biógrafo, Hermes Fontes declamava nos salões da época:

22 Apud CAVALCANTI, Povina. *Hermes Fontes*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. p.61.

23 CAVALCANTI, Povina. Op. cit. loc. cit.

24 CAVALCANTI, Povina. Op. cit., p.69

“Juro por tudo quanto é jura... Juro,
por mim... por Ti... por nós... por Jesus Cristo
- que hei de esquecer-te! ...Vê-me: estou seguro
contra o teu Sólido, a cuja queda assisto.

E, visto que duvidas tanto, visto
que ris do que, solene, te asseguro,
juro mais: pelo Ser em que consisto!
por meu Passado! pelo meu Futuro!

Juro pela Mãe-Virgem concebida!
pelas venturas de que vou no encalço!
por minha vida! ... pela tua vida...

Juro por tudo que mais amo e exalço! ...
... E, depois de uma jura tão comprida,
juro... juro que estou... jurando falso...”

A verdade é que, segundo observou Agripino Grieco, escrevendo no Rio de Janeiro: “Nenhuma estréia foi aqui tão rumorosa quanto a de Hermes Fontes.” Entretanto, acrescenta o crítico: “depois os críticos, como que arrependidos dos louvores iniciais, entraram a fazer restrições ao poeta vitorioso das *Apoteoses* e cada livro seu que surgia como que lhe importava em diminuição de glória”.²⁵

Publicou o poeta mais uns oito livros de poesia, cada vez mais próximos do Simbolismo e de sua surdina. Mas, com exceção única talvez de seu conterrâneo João Ribeiro que, em 1930, ano da morte do poeta, disse que “a glória de Hermes Fontes abraçará muitos séculos”,²⁶ os críticos realmente se retraíram, e não faltou a mordacidade de um espírito menor, Antônio Torres, sempre disposto a fazer nome à custa de agressões gratuitas. Isto, e mais uma série de problemas, que culminaram com o malogro do casamento, a semi-surdez e

25 GRIECO, Agripino. Op. cit., p. 169-170.

26 RIBEIRO, João. *Crítica - Poeta* (Parnasianismo e Simbolismo). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, v.2, 1957, p. 142.

perseguições ao tempo da ditadura Vargas, levariam o poeta à autodestruição.

OLEGÁRIO MARIANO é outro esquecido: mesmo no Recife, onde nasceu em 1889, nada encontramos hoje que lembre esse poeta que, no entanto, ao falecer no Rio de Janeiro em 1958 era nacionalmente conhecido. Tendo deixado sua terra natal no início do século XX, chegou no Rio a frequentar o famoso grupo de Bilac, e já consagrado, em 1938, seria eleito “príncipe dos poetas brasileiros”, sucedendo a Alberto de Oliveira, falecido no ano anterior.

É numerosa a sua bibliografia, mas o livro *Últimas Cigarras* que, publicado em 1920, teria várias edições, foi um sucesso tão marcante que lhe conferiu o cognome de poeta das cigarras.

Quando ele publicou *Canto da Minha Terra*, em 1930, João Ribeiro, em artigo de jornal, disse: “A poesia de Olegário Mariano é conhecida em todo o Brasil, pelo tom de suavidade e pelo sentimento lírico e musical, que torna as composições do poeta quase obrigatórias nos recitais das nossas declamadoras.”²⁷

Um poema seu que fez época foi o soneto “O Enterro da Cigarra”, do livro de 1920:

“As formigas levavam-na... Chovia...
Era o fim... Triste outono fumarento !...
Perto, uma fonte, em suave movimento,
Cantigas de água trêmula carpia.

Quando eu a conheci, ela trazia
Na voz um triste e doloroso acento.
Era a cigarra de maior talento,
Mais cantadeira desta freguesia.

Passa o cortejo entre árvores amigas...
Que tristeza nas folhas... Que tristeza!
Que alegria nos olhos das formigas! ...

²⁷ RIBEIRO, João. Op. cit., p. 168.

Pobre cigarra! Quando te levavam,
Enquanto te chorava a Natureza,
Tuas irmãs e tua mãe cantavam..."

Narra Manuel Bandeira em artigo de 1937, portanto quase vinte anos antes da morte do poeta: "Nunca me esquecerei de uma tarde em que, numa tranqüila varanda de Petrópolis, uma boa velhinha me contou que lera num jornal uns versos tão bonitos, tão simples, que só de os ler uma vez os decorara." Perguntou Bandeira como eram os versos. E conclui: "fiquei enternecidíssimo quando ela começou: 'As formigas levavam-na... Chovia...'" Desde esse dia passei a querer grande bem à poesia de Olegário. Compreendi instantaneamente que ela haveria de ficar".²⁸

É verdade que, além desse soneto, fizeram época também dois poemas de *Água Corrente* (1918), "Duas Sombras" ("Na encruzilhada silenciosa do Destino, / Quando as estrelas se multiplicaram, / Duas Sombras errantes se encontraram." "Noturno I", cujos versos finais dizem: "Vejo-te cada vez mais triste e linda / E eu cada vez mais triste e desgraçado, / Mais desgraçado porque te amo ainda." Também "O Meu Brasil", de *Canto da Minha Terra* (1930):

"Vinde ver! Vinde ouvir, homens de terra estranha!
O Brasil de minh' alma, atormentado e aflito,
Cujo nome parece um grito de montanha,
De quebrada em quebrada, acordando o infinito."

Mas podemos dizer que sua poesia não ficou. Nem mesmo a simpática homenagem de Herman Lima, seu amigo, publicando, dez anos depois da morte do poeta, o volume *Olegário Mariano* (1968) da Coleção Nossos Clássicos, da Agir, conseguiu tirar o poeta das cigarras do esquecimento em que mergulha, cada vez mais, apesar de Peregrino Júnior haver dito, no ano da morte do autor de *Água Corrente*, que ele "foi um dos maiores poetas do Brasil".²⁹

28 BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.175

29 Apud... M A, Herman. *Olegário Mariano* (poesia). Rio de Janeiro: Agir, 1968. p.105.

Falemos agora de outra figura feminina: GILKA MACHADO, nascida no Rio de Janeiro, em 1893, e ali falecida em 1980. Tendo estreado em 1915, com *Cristais Partidos*, a que se seguiram *Estados de Alma*, de 1917, no ano seguinte Andrade Muricy, estudando-a no opúsculo *Alguns Poetas Novos*, ao ver em seus versos a preponderância “das percepções sensoriais sobre a elaboração intelectual dos motivos poéticos”, afirmava, quanto às suas idéias: “Estas são quase unicamente expressões da volúpia, porém duma volúpia a que se desse asas e em que se insuflasse o ‘fogo sagrado’.”³⁰ O que era apontar o sensualismo exacerbado da poetisa mas reconhecendo-lhe valor.

Logo no primeiro livro, um dos sonetos sob o título “Noturnos” terminava assim:

“Uma brisa sutil, úmida, fria, lassa,
erra de quando em quando. É uma noute de bodas
esta noute... há por tudo um sensual arrepio.

Sinto pêlos no vento... é a Volúpia que passa,
flexuosa, a se roçar por sobre as casas todas,
como uma gata errando em seu eterno cio.”

Mas talvez o ponto mais alto de seu erotismo esteja num soneto que faz parte do longo “Poema de Amor”, de 1917:

“Na plena solidão de um amplo descampado,
penso em ti e que tu pensas em mim suponho;
tenho toda a feição de um arbusto isolado,
abstrato o olhar, entregue à delícia de um sonho.

O Vento, sob o céu de brumas carregado,
passa, ora langoroso, ora forte, medonho!
e tanto penso em ti, ó meu ausente amado!
que te sinto no Vento e a ele, feliz, me exponho.

30 MURICY, Andrade. *Alguns poetas novos*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1918. p.11-2.

Com carícias brutais e com carícias mansas,
cuido que tu me vens, julgo-me toda tua...
- sou árvore a oscilar, meus cabelos são franças...

E não podes saber do meu gozo violento,
quando me fico, assim, neste ermo, toda nua,
completamente exposta à Volúpia do Vento!”

Péricles Eugênio da Silva Ramos observou, já nos anos 60 do século XX: “Como houvesse publicado um livro com o título *Mulher Nua* e antes disso alguns versos mais ou menos ‘ousados’, segundo os preconceitos do meio e da época, preconceitos esses por ela considerados ‘pesados grillhões’, Gilka Machado teve associado a seu nome, por certo período, um rumor de escândalo.” E, depois de dizer que, cessados os rumores, seu nome se foi apagando, conclui o crítico paulista haver sido ela “a maior figura feminina do nosso Simbolismo”.³¹

Diga-se de passagem que, saudando o surgimento dos *Cristais Partidos*, em 1917, escreveu João Ribeiro: “Gilka Machado é, seguramente, uma das maiores poetisas brasileiras, e eu não digo a maior, porque não tenho autoridade bastante para essas perigosas classificações, que tanto desagrado e desfavor excitam nas rodas literárias.”³²

São horas de encerrar nosso passeio que, como foi dito, contempla apenas alguns dos muitos poetas esquecidos. E façamo-lo focalizando mais um poeta que se notabilizou unicamente por um soneto: ALCEU WAMOSY, nascido em Uruguaiana, Rio Grande do Sul, em 1895, e morto em Livramento, em consequência de ferimento num combate em Ponche Verde, na revolução que sacudia a terra gaúcha, em 1923.

O soneto é “Duas Almas”, de *Coroa de Sonho* (1923), terceiro livro do poeta:

31 RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia simbolista*. São Paulo: Melhoramentos, 1965. p.209.

32 RIBEIRO, João. Op. cit., p. 262.

“Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada,
entra, e, sob este teto, encontrarás carinho:
eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,
vives sozinha sempre, e nunca foste amada...”

A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,
essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...”

Este soneto foi reproduzido por inúmeras antologias, e declamado em todo o Brasil. Wilson Martins, ao informar que ele fora estampado na revista *Fon-Fon* em 1914, acrescenta: “É, como se sabe, um dos clássicos do nosso parnasianismo, e realmente tão admirável que gerações e gerações de brasileiros o souberam de cor.”³³

Tem razão o crítico em classificar o soneto como parnasiano. O poeta, porém, pela maioria dos seus outros poemas, nenhum dos quais obteve fama, é decididamente simbolista e, como tal, figura em várias coletâneas do movimento.

3. Conclusão

Diante de tantas figuras às vezes excessivamente festejadas em vida e hoje relegadas ao esquecimento, chegamos a imaginar quais os nomes de poetas que, aplaudidos em nossos dias, serão lembrados pelos tempos afora. Sim, porque, con-

33 MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, v.5, 1978, p. 552.

forme pudemos observar, se a posteridade foi de certa forma justa com relação a alguns nomes do passado, como Dutra e Melo, Narcisa Amália, Valentim Magalhães ou Luís Murat, o mesmo não poderemos afirmar de Laurindo Rabelo, Hermes Fontes, Olegário Mariano e Gilka Machado, sendo que esta última vem sendo, felizmente, alvo de reedições e de estudos.

O autor deste trabalho, ao longo de mais de vinte anos de magistério na UFC, teve oportunidade de acompanhar parte da evolução desse processo de esquecimento, ao constatar que alguns dos poetas aqui focalizados não eram inteiramente desconhecidos dos alunos, nos anos 70 do século passado, mas seriam completamente ignorados pelos que, nos anos 90, conheciam apenas os autores geralmente presentes nos livros didáticos mais recentes.

Reste-nos o consolo de poder dizer: felizes aqueles poetas que, ao menos em vida, tiveram a simpatia e o aplauso dos leitores...